



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR

Hilario Cândido Barreiros d Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELOS

O CAUADO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

O DIREITO E A FORÇA

Na guerra actual chocam-se duas idéas e chocam-se duas culturas. As idéas são a do direito e a da força. A estas idéas correspondem as duas culturas. Mas enquanto uma é a fiel expressão da primeira, a outra é uma infiel expressão da segunda. A do direito pugna realmente pelo direito, e no direito se estriba e ao direito interpreta. A da força pugna pela força, mas procura estribar-se no direito. D'ahi, o seu erro e o seu crime. Nós comprehenderíamos que se fizesse a apologia da força, com as rudes razões da força, se razões se lhes pode chamar no puro dominio do pensamento. Mas não podemos comprehender que para fazer a apologia da força se vão buscar as razões do direito. Toda a cultura germanica, que se reivindicava alem-Rheno para justificar o dominio da força, as virtudes da força, representa um desvio da intelligencia e uma aberração de character. Na realidade, estamos em face d'um absurdo que faria sorrir se não surgisse tão manchado de sangue generoso ou innocente que provoca indignação e a coleração.

A victoria moral do direito contra a força está assegurada. São os proprios alemães que promovem essa victoria, procurando as apparencias do direito para n'ellas envolverem a sua barbara doutrina. Elles proprios demonstram a fraqueza da força, desajudada do direito. Elles proprios patenteiam a superioridade do direito. Resta a victoria material. Essa victoria ha-de corresponder ao triumpho das idéas puras. O que está passando é um facto monstruoso; mas não passa d'um facto, isto é, um incidente na historia das sociedades humanas. A phrase profunda de Balzac resplandece na minha memoria: «os factos não são nada; não existem; a unica coisa que subsiste de nós são as idéas».

Os proprios factos são d'esta verdade a evidenciação palpavel. Nunca, como n'este momento de violencia, o direito affirmou mais esplendorosamente a sua existencia soberana. Os que se batem contra a Alemanha não invocam outra egide. Esta simples palavra: o direito, tem para elles o

valor dos exercitos. E os que contra o direito combatem sentem a necessidade de crear mesmo uma sua falsa apparencia para poderem proseguir na lucta. E' que a noção do direito gravou-se tanto na consciencia dos povos que ninguem, se ousar renegal-o em alta voz, poderá dar um passo para a frente.

Os povos aliados combatem pelo direito. O direito é independencia, é liberdade, é futuro, é ideal. Dentro da sua formula encontra-se a expressão de todos os interesses legitimos, sejam elles de que ordem forem. Portugal tambem combate pelo direito. A sua alta civilisação assim se define e explende. Tinhamos que entrar n'esta guerra porque a ella nos levavam todas as aspirações do direito. Estavamos n'ella, em espirito, desde que se disparou o primeiro tiro contra uma civilisação que é a nossa, e de cujas origens vem a tradição redemptora d'esse direito immortal. Não ha povos pequenos nem grandes. Ha povos com ideal, e se entre esses alguns são tão pequenos que os seus paizes mal se descobrem nos mappas, o certo é que os ha, como o nosso, que na historia occupam, pelo esforço do seu genio, as mais largas, claras e brilhantes paginas.

Se havemos de vencer? Para que não vencessemos, seria necessario que o direito ruísse. Acabar-se-ia o mundo!

Mayer Garção.

LITERATURA

MEMORIA

Na morte de minha sobrinha
Maria-das-Dóres.

Morreu! No estreito esquite alvo e doirado, o pequenino corpo de Mimi repouza, branco e frio, com a gelidez do marmore e a palidez da cera.

Morreu! E não pára de pavor o meu coração! E não me sufoca esta agonia imensa!

A cabecita gentil cache de sol a breve almofada: diceis que a manhã desabrochou ali. Os cabelos dos querubins devem ser assim loiros e assim perfumados.

A França gloriosa

(Do livro inedito «Cardos e Rosas»).

Estava a humanidade immersa em noite escura,
Sobre o jugo oprimador da eterna escravidão!
—Era o baculo e o sceptro, o carcere e a tortura,
Fôrtis ellos de bronze em secular grilhão!

E a França, exausta já por tanta desventura,
Quebra o sceptro fatal em sua ferrea mão,
E, n'um impeto audaz de singular bravura,
Então a Marselheza! — e faz-se a luz então!...

—Com mil congregações vão inundando a terra,
Polvo enorme que estende o seu voraz tentaculo,
E no seio da paz vae fomentando a guerra,

E rege a estranha orchestra o deslumbrante baculo!...
—A França, consciente, os gaviões desterra,
E a Igreja baqueou n'esse ultimo espectáculo!

BALTHAZAR DIAS COELHO.

Morreu! E não pára de pavor o meu coração! E não me sufoca esta agonia imensa!

Os olhos eram duas perolas pretas, de uma negridão que alumia mais do que o dia. Dize tu, Dámaso, se ha luz agora, com aquellas pálpebras caidas! Dize tu, Justina, se ha mais claridade para ti!

Morreu! E não pára de pavor o meu coração! E não me sufoca esta agonia imensa!

A boca, assetinada e rubra, parecia feita com duas pétalas de rosa e ria com uma graça infavel. Os beijos que en lhe dei! Que prazer celeste tocar-lhe os mimosos lábios!

Morreu! E não pára de pavor o meu coração! E não me sufoca esta agonia imensa!

No rosto redondo, lacteo e vermelho, puzera Deus todo o viço, toda a frescura, todo o aroma. O doce entesinho adorado inebriava-nos como um jasmim delicadissimo e raro.

Morreu! E não pára de pavor o meu coração! E não me sufoca esta agonia imensa!

No caixão alvo e doirado, os castos lirios macerados que envolvem o seu corpito de arminho parecem perguntar entre si: «Já vistes tão immaculada e tão mistica beleza?»

Morreu! E não pára de pavor o meu coração! E não me sufoca esta agonia imensa!

As mãos frágeis, da cor do luar e velutinas como o cálice da magnólia, dantes buliçosas e hoje imoveis, quantos sorrisos espalharam e quanta lágrima nos trazem!

Morreu! E não pára de pavor o meu coração! E não me sufoca esta agonia imensa!

Frágeis mãos da cor do luar! Frágeis, tão frágeis como a ilusão! E destroçaram a felicidade de um lar, e aniquilaram a esperança de todos os que nelas hauriamos a essencia da candura divina!

Morreu! E não pára de pavor o meu

coração! E não me sufoca esta agonia imensa!

Fechem bem a urna onde Ela dorme. Que a terra agasalhe o pequenino cadáver e o embale e o livre do verme faminto! Que as estrelas não brilhem mais no azul e as aves a chorem longo tempo! E vós, ó lirios, rosas, violetas, camélias, amores-perfeitos, velai eternamente o coval de vossa irmãsinha!

Morreu! No estreito esquite, alvo e doirado, o pequenino corpo de Mimi repouza branco e frio, com a gelidez do marmore e a palidez da cera...

Júlio de Lemos.

JULIO DE ANDRADE

Smiles escreveu: «O homem que dá o seu dinheiro não é o verdadeiro bemfeitor da especie; esta designação assenta melhor naquele que se dá. O primeiro é falado; o segundo porém é amado». Dar-se é, segundo nós, exercer a primeira e a mais nobre das nossas prerogativas; é alhear-se uma creatura muitas vezes de si para pensar tanto nos outros quanto pensamos em nós proprios,—procedimento louvavel num tempo como este em que o numero dos que só tratam de si atinge tão extraordinarias proporções.

E não se pense que para o exercicio da benemerencia é indispensavel o dinheiro, quer dizer: a fortuna. O que succede é áquele homem que dispõe de meios ser permitido estender a sua ação numa área mais extensa que a outros não providos de tal accessorio; a essencia porém da inclinação a que obedecem é a mesma em ambos, e se alguma diferença existe entre eles, é toda a favor do pobre ou do simplesmente remediado.

Porque Julio de Andrade, sem prejuizo, talvez, de outras obras meritorias que nós desconheçamos, compreendeu e adótu para si uma forma assás louvavel de se dar, e a praticou longos anos com evidente aproveitamento da colétividade, aqui vimos prestar-lhe o singelo preito da nossa homenagem, sentindo que esse preito fique tanto áquem do valor que tribuimos á ação que se pretende enaltecer.

Referimo-nos á publicação e distribuição gratuita pelas classes

Orações do amor

*Sorrisle-me, — não era de costume...
E alegre e hallucinato,
pensei enfim no dia do noivado
que é cheio de belleza e de perfume.*

*Pensei n'aquelle amor que nos abraza,
na albura do teu peito,
no sonho, no prazer, no nosso leito,
no que havia de ter a nossa casa.*

*Vê tu que paraizo
num teu simples sorriso!*

ANTONIO FOGAÇA.

menos providas de recursos, de excelentes livros de propaganda científica e moral, traduzidos expressamente para esse fim, de entre os melhores que existem no fertil manancial de obras primas que é a literatura ingleza.

Num jornal da provincia escrevemos o que quer que foi de elogioso para o pensamento de Julio de Andrade, o que o determinou a mandar-nos algumas d'essas obras magnificas, de que podemos dar hoje aqui a nota completa que segue. São elas:

Mrs. Bray: «Elementos de moral», «Fisiologia e hygiene», e «Deveres para com os animais». A. Newsholme e M. M. Scott: «Economia domestica». Samuel Smiles: «Sê poupado», «O Dever» e



«O Character». Alice Price: «Primeiros passos para a temperança». P. H. Chavasse: «Mães e filhos», compreendendo: I «Advertencias ás mulheres casadas», II «Advertencias ás mães». Dr. André Wilson: «Doenças infeciosas e maneira de as evitar», «Maneira de ter uma casa saudavel», «O que ha a fazer em caso de accidente» e «A alimentação». Frederico Treves: «Educação Fisica». Dr. Joannes Frenzkel: «A alimentação do povo». Dr. Depieris: «Efeitos do tabaco sobre a alma». Dr. Teodoro Billroth: «Tratamento dos doentes». Artur Newsholme: «Hygiene das Escolas». Hale White: «Banhos».

Destas diferentes obras fez-se uma tiragem total de cincoenta e um mil e quinhentos exemplares, advertindo que alguns deles constituem, quanto á sua extensão, volumes de cerca de 300 paginas em oitavo grande, compáctas, e quanto ao seu mérito literario, joias de um valor incalculavel, como succede por exemplo com «O Caráter» e «O Dever» de Smiles, dois verdadeiros tratados de moral individual e social, onde se encontram os conselhos mais

salutares para a vida, e os melhores exemplos do que ela foi de bom e generoso para muitos homens e mulheres e cuja divulgação é preciosa para todos nós.

Referindo-se especialmente ao volume «A Alimentação» escreveu-se algures:

«Uma obra excelente. Tal deve considerar-se um livrinho de 140 paginas que me acaba de chegar ás mãos. Para a classe popular, que sofre a tirania dos pequenos salarios e a atroz especulação das vendas a retalho, esta publicação é preciosa. Mas não quer isto dizer que o não fosse tambem para a nossa classe media, tão realmente oprimida pela estreiteza de recursos, embora complicadas e enganosas exterioridades porfiem muitas vezes em inculcar o contrario».

Se nos lembrarmos que Portugal é a terra onde a imprensa mais se esquece da missão elevada que sobre ela impende, malbaratando em tudo o que é futil, inutil e até nocivo, energias que tão uteis seriam quando bem aproveitadas e orientadas; se nos recordarmos, depois disso, que a maior parte dos ricos prefere a tudo o mais, levar uma vida improduttiva e esteril, que nem sequer para eles é fonte de apreciaveis jubilos, havemos de concluir que o procedimento do sr. Julio de Andrade foi louvavel e digno bastante de encontrar imitadores.

Já agora não terminaremos este artigo sem frisar outro pormenor da sua vida que, a nosso vêr, muito o nobilita. E' que durante longos anos ele exerceu com dedicação e amor o elevado cargo de presidente da direcção da Sociedade Protetora dos Animais — sociedade que «apertada no circulo dos seus fracos recursos, tem sido todavia, ha muitos anos, um dos mais constantes elementos de civilização do povo de Lisboa e seus contornos», conforme disse uma illustre escritora.

Naquella qualidade adquiriu e doou á Sociedade os marcos fontenarios que aí vemos pelas ruas, e que são o mais valioso elemento de propaganda pelo facto das ideias de protecção aos animais; o hangar do largo do Corpo Santo e um excelente carro para o transporte de animais que por doença ou morte caíam na via publica — veiculo que por sinal, a Sociedade cedeu á Camara, e que não é por ela utilizado, achando-se preferivel atirar com os animais doentes ou mortos para cima da primeira carroça que se depare, com enorme gaudío do rapazio que nestas exhibições de falta de amor e carinho por tudo e por todos, vai fazendo a sua aprimorada e portuguezissima educação do sentimento...

Luz Leitão.

ACABAM DE CHEGAR
Perfumarías, leques e gravatas, última novidade
BAZAR DO POVO — BARCELOS

CRITICA BARATA

Não ha muito tempo ainda que um destes meus escritos foi classificado pela tolerante reacção local e pela pena de dois dos seus mais cotados ministros, de sacrilego, heretico e irreverente.

Pois bem. Já que a alma se me vai a caminho dos infernais tormentos e tenho garantido, após a minha morte, um logar nas rubras fogueiras que Lucifer atica e alimenta a corpos humanos, vou cometer mais um peccado, relatando aqui uns casos que no inferno deste mundo, a meu vêr, deveriam ser corrigidos a marmeleiro, já que o não podem ser tambem a fogueiras.

Um grupo de beatas, ou antes umas poucas de mulheres tidas por senhoras, ou ainda uma meia dúzia de fanaticas das que não teem que fazer em casa e se entreteem com a vida dos outros, concebem, para bem servir a Deus e aplanar o caminho que as ha-de conduzir ao ceu, a ideia de tratar de matrimoniar todos os homens que vivem em mancebia, dando-lhes, é claro, para remediar o mal, por mulheres as respectivas amantes.

Assim, pois, as seraficas beatarronas, teem batido já a algumas portas a insistir, com aquele carinho que lhes é peculiar, no casamento dos pares amantissimos, disendo-lhes que as despesas correrão por conta delas e que o que querem é evitar estas ofensas ao Senhor e dar satisfação ás suas almas atribuladas com tão escandalosos exemplos.

Uma minha informadora que de quando em quando vai tambem lavar as unhas á pia da aguentada, dis-me que as tais santinhas casamenteiras conseguiram já arrancar ás garras do amantissimo uma pobre creatura que havia desoito anos vivia em companhia do seu seductor em tão doce paz como se casados fossem.

Com a saída da mulher o arranjo caseiro e comodidade do homem que a tinha na sua companhia, sofreram grande abalo e este, por mais que inste com a que durante tantos anos lhe foi desvelada companheira para que volte a casa, recebe por resposta que só o fará se lhe prometer casar-se.

As beatas, as tais moralisadoras de portas a fóra da igreja, transformaram em nome da santa religião a cabeça áquella pobre mulher e a vida ao humilde par descuidado!

Muito pode o amor por ti ó meu Deus! A que sacrificios se expõem as tuas candidas e innocentes devotas só para *ad majorem Dei gloriam!*

Um amigo meu morador nas visinhanças de uma capela, tambem me informa de que, logo de manhã, já o despertam os ensaios de um orléon em louvor de S. Cristovam.

A reacção estende as garras,

não descança um momento, aproveita todos os ensejos para lançar raizes enquanto o milho sobe de preço garantido pelo compromisso do sr. administrador!

O' santos e santas da corte do ceu, que reverendissimos melros e que grandissimas filhas da pura Virgem Maria vós tendes a louvar-vos nesta terra de encantos onde as obras se começam para nunca se acabarem!

Padre Nosso. Avé Maria.

Antomo Cardoso.

Notas & Comentarios

Um gesto... perdido

Ha dias recebi pelo correio uma gazeta de reduzidas proporções, que se intitulava «O Mensageiro Paroquial», do qual e director um reverendo padre de sobrenome Almeida e editor certo bacharel que, pelo que li, usa da mesma graça. Não conheço nenhum dos personagens citados, e, portanto, abstenho-me de os apreciar por não me ser licito referir-me ás suas qualidades morais, nem tão pouco discutir a sinceridade das suas convicções religiosas. Ignoro, tambem, quem foi o individuo que me subscreveu o aludido jornal, embora, pelo conhecimento que tenho da letra e pelas averiguações a que procedi, pudesse dizer quem foi o autor do... grande gesto; mas calculo bem qual fosse o intuito da creatura que se deu ao trabalho de me remeter o santissimo papelucho, pois sei que este me foi muito propositadamente dirigido, trazendo até, com chamadas especiais — umas cruces a lapis — os artigos para os quais eu devia fazer incidir a minha imediata e especial atenção.

Pois, caros leitores, devo confessar-lhes que o autor da proesa não perdeu o seu tempo. Pelo contrario. O gesto... perdeu-se, mas a oportunidade aproveitou-se. Na verdade impuz-me á dolorosa tarefa de ler não só os artigos que vinham especificados, como todo o semanario; e, ao concluir a sua leitura, devo dizer-lhes que tudo quanto nele vinha escrito me infundiu piedade. Mais uma vez me convenci de que, em materia religiosa, a muito inconsciente é permitido discorrer com revoltante hipocrisia. Mas, afinal, não venho acusar publicamente a recepção do serafico «Mensageiro» só para citar o nome do seu director e das pessoas que o redigem. Não! Foi para dizer mais alguma coisa que, no criterio das pessoas bem intencionadas e despidas de preconceitos, alguma consideração devem merecer.

Na ultima pagina do referido jornal, mesmo ao cimo, vinha estampado, com as respectivas chamadas a cruces — um místico soneto da autoria do sr. Souza Macario, que me dizem ser um velho general reformado, que, para aliviar os seus padecimentos renais, nas horas vagas, se dedica ás musas, na velha e historica cidade de Lamego, terra dos bons presuntos e da naturalidade do meu presado amigo Julio Diniz, muito digno escrivão de Direito nestas ridentes paragens de Barcelos, aonde o Cavado desliza mansamente por entre montados e salgueirais em flôr, como diria qualquer poeta, mesmo sem ser da força do sr. general, e sem receber o seu avultado pré.

Do soneto que se intitulava: «Para os paes de Familia» extraimos as seguintes quadras que eram, em conclusão, o objectivo do subscrito, que não devolvi, mas que inutilizo agora, por trazer direcção errada:

«Sem ter religião a humanidade,
Sem ter dentro do lar educação,
Sem fé, sem crença em Deus, livre da acção,
Em feras a converte a liberdade.

«Cree, crene, ó paes, a mocidade,
Com a precisa e justa repressão
E vós, mães, ensinae-a na oração
Que disso lhes virá a felicidade.

O normando é meu; vá de dizer-se a verdade para que o autor não possa reclamar com religiosa e inquisitorial justiça. E eu frisei com normando certas palavras, para que os leitores melhor possam avaliar dos propositos—que poderiam considerar-se como erminosos, se o caso tanto valesse—do autor da ignobil proesa.

Aquelas mãos, significam tudo!... E' que ele, ou eles, supõem que as mães tem todas a obrigação de ler pela mesma cartilha, ainda que seja pela do sr. general, que pode ser um brioso militar e ao mesmo tempo um... grande pandego.

Enganou-se, pois, o autor do subscrito, porque, felizmente, ainda ha alguns «Pais de Familia» que, pensando por forma diversa do sr. general, não deixam por isso de educar com carinho os seus filhos, ensinando-lhes a boa moral, que não precisa de ser religiosa; inculcando-lhes no espirito, pela pratica dos bons ensinamentos, as ideias mais nobres, alevantadas e puras; experimentando-os na pratica da caridade e da justiça; ensinando-os a amar o proximo e a fazer bem; guiando-os, enfim, por forma a que, no futuro, possam vir a ser bons cidadãos, sabendo esquecer e perdoar o mal dos seus inimigos, embora despresando sempre, mas sem rancôr, o hipocrita que da religião se utiliza para satisfazer interesses inconscientes e que, com ela, tanto mercadeja a graça do ceu, como pratica os maiores crimes.

Enganou-se, porque ha «Pais de Familia» para quem, como diz o Cura de Meslier, na sua «Razão de um Padre»:— «A crença num Deus não passa de um habito maquinal da infancia, e os homens crêm pela palavra daqueles que não tem ideias mais perfeitas do que eles proprios a esse respeito». Enganou-se, porque ha «Pais de Familia» para quem, como afirma Remy Goumont:— «A ideia de Deus não é mais do que a sombra do homem projectada no infinito». Enganou-se, ainda, porque ha «Pais de Familia» que podem responder ao poetico general, como Timothou a uma senhora americana que pretendia convertel-o ao protestantismo:

—Acreditaes em Deus?

—Não posso responder-lhe, minha senhora, porque os Deuses são tanto ou mais numerosos que os homens. Enganou-se, finalmente, porque ainha ha «Pais de Familia» que, sabendo educar os seus filhos, tem bem presente aquela afirmação de Tolstoi, esse grande pensador que tão sabios ensinamentos deu ao mundo e tanto se impoz pela pureza da sua fé: «Que a religião deu em droga; erer, seja no que for, fora da ciencia, é ignorancia. A ciencia estabelece tudo o que é necessario; e basta heni para nos guiar na vida».

Eis, em poucas palavras, a impressão que me deixou a leitura do «Mensageiro Paroquial», e nomeadamente o melifluo soneto do sr. Souza Macario.

E é isto, tambem, o que penso muito livremente, como homem do meu tempo e como paç de familia que, muito amando os seus filhos, para os educar convenientemente, não necessita das indicações mentirosas e hipocritas de qualquer figurante de sacristia, que leva a vida a ludibriar a sua propria consciencia, pois as mais das vezes é réu de crimes os mais abominaveis.

... Mas deixal-os, porque lá diz autorisadamente Max Nordau:— «Felizes das gerações futuras! Afagadas pelo ar puro e diáfano do futuro, banhadas pelos raios luminosos dum sol de amor, ser-lhes-ha concedido o viverem instruidas, livres e boas, no seio duma fraternal união».

Gonçalo d'Araujo.

Musa do «Cavado»

«Eu jurei e tu juraste,
Diz a letra da cantiga,
Eu cumpri e tu fallaste,
Permite agora que eu diga.

Que é das juras que juraste?
Das promessas que fizeste?
Das flores com que fleaste?
Dos beijos que me não deste?

PERGUNTA-SE!

Se o cabo da luz electrica já saiu de New-York, se está em Lisboa, se partiu de Lisboa, se já chegou a Braga ou se já pára pelas alturas da Afurada?

Se sempre se construe junto do Hospital o tal mostrengo da cabine?

—Se ela é subterranea ou aerea?

Se não foram uns verdadeiros heróis, no mercado de 5.ª feira, os tais guardas republicanos?

Se eles não estão a pedir ordem de marcha?

Noticiario

Mestre Belisario

No nosso ultimo n.º publicamos o final do folhetim que ha tempos traziamos em publicação e de que era autor Manuel Boaventura.

O merecimento desse trabalho sabem-no todos aqueles que se deleitaram com a sua leitura.

No entanto ele era apenas um excerto dum capitulo do livro inédito *Incendiario*, romance que aquele interessante escritor muito breve tenciona dar á estampa.

Não era intenção de Manuel Boaventura publicar em folhetins o seu novo livro; mas, a pedido nosso, aquele nosso amigo cede ao «Cavado» a parte que está escrita já desde 1910, e que são uns 8 ou 9 capitulos.

Quanto ao valor literario já todos devem calcular pelo capitulo *Mestre Belisario*, qual é o seu merecimento.

Tencionamos, já no proximo n.º, iniciar a publicação do empolgante romance o *Incendiario*, cuja a leitura já nos foi feita pelo seu autor, podendo por isso garantir aos nossos leitores que ele ha de agradar como afinal tem agradado todos os trabalhos do illustre escritor.

Julio de Lemos

O nosso illustre amigo, distinguissimo escritor e douto academico, sr. Julio de Lemos, fez distribuir, pelas creanças das escolas, de Coura, uma separata dum belo artigo seu publicado nos *Ecos de Coura*, advogando a ideia da erecção dum monumento ao illustre courense, conselheiro Miguel Dantas—o homem a quem Paredes de Coura deve todos os seus melhoramentos e progressos.

A ideia do nosso illustre colaborador é generosa e patriótica.

Oxalá, as crianças de hoje—os homens de amanhã—se compenhem bem de que é um dever de consciencia glorificar condignamente os homens que pelo seu acendrado patriotismo, pelas suas grandes ações e pela nobreza do seu carater, contribuíram

para o engrandecimento da sua terra.

A craveira moral dum paiz avalia-se pelo que valem os seus homens publicos.

Concorrer para os livrar do esquecimento é prestar um revelante serviço.

Bem haja Julio de Lemos pela sua patriótica e judiciosa iniciativa.

Os nossos agradecimentos pela oferta do exemplar recebido.

Dr. João d'Almeida

Hospede do sr. Julio Mendes da Rocha Diniz, digno escrivão de direito na nossa comarca, encontra-se nesta vila o sr. dr. João d'Almeida, inteligente quintanista de medicina.

Espectaculo

Em beneficio da «Assistencia á Juventude Pobre» e dedicado ás gentis damas barcelenses, realisa-se hoje no nosso Gil Vicente um espectáculo pelo grupo dramático «Juventude Catolica de Braga, subindo á cêna a engraçada comedia «Valentes e Medrosos».

Manuel Boaventura

Tivemos o prazer de abraçar, nesta vila, na ultima quarta feira, este nosso presado amigo, illustre colaborador do «Cavado».

Dr. Luiz da Cruz Ferreira

Vindo de Tancos, onde esteve em serviço como alferes medico meliciano, encontra-se novamente entre nós, o sr. dr. Luiz da Cruz Ferreira, distinto facultativo.

Cinematografo

A Empreza Cinematografica Barcelense vai-nos proporcionar no proximo domingo, uma atraente sessão de cinematografo com a emociante fita darte «Jockey da Morte», um dos maiores acontecimentos cinematograficos da actualidade.

Pedido de casamento

Pelo sr. Visconde da Fervença foi pedida em casamento para o sr. dr. Vieira Ramos, distinto advogado e notario, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Beatriz Monteiro de Meira, illustre dama de Guimarães, filha do clinico sr. dr. Joaquim José de Meira.

Sport

Realisa-se hoje, nesta vila, um desafio entre os primeiros grupos da «União Foot Ball Barcelense» e o da «Juventude Catolica de Braga».

Hora legal

Por decreto de 9 do corrente mez e c) no fim de atender ás dificuldades economicas determinadas pela guerra, e á necessidade de harmonisar a hora legal com a já adotada noutros paizes, foi determinado que a partir do dia de hoje, seja adiantado de 60 minutos a hora oficial fixada pelo decreto de 24 de maio de 1911, passando a ser regulados pela nova hora todos os serviços publicos e particulares.

Notas da semana

Aniversarios natalicios.

Passou:

No dia 14: o do simpatico filhinho do sr. dr. Matos Graça.

Passam:

Amanhã: os das ex.^{mas} sr.^{as} D. Alice de Vilhena Gaio e D. Ana Pereira de Sousa Lima Torres.

No dia 20: o da ex.^{ma} sr.^a D. Arminda Veloso Araujo e o do sr. Domingos José de Miranda.

No dia 21: o da ex.^{ma} sr.^a D. Bernardina Leite Novais e o do sr. dr. Joaquim Gualberto de Sá Carneiro.

No dia 23: o do sr. Manuel Vieira d'Azevedo.

No dia 25: o do sr. Eliseu Roriz d'Azevedo.

Estiveram:

No Porto: os srs. Manuel Joaquim Coelho Gonçalves e ex.^{ma} esposa, Manuel Vieira d'Azevedo, dr. João Cardoso d'Albuquerque, Domingos Guimarães Esteves, João Miranda e ex.^{ma} esposa, Antonio Cardoso d'Albuquerque, dr. José Belesa da Costa Almeida Ferraz, dr. Domingos de Figueiredo e Antonio da Costa Martins.

Em Braga: os srs. João Pacheco Leite, José de Beça e Menezes, Felix Joaquim Rodrigues e ex.^{ma} esposa, Antonio Ribeiro Meira, Joaquim Redondo Pais de Vilas Boas, José Maria Janeiro, Domingos Esteves e ex.^{ma} esposa, Agostinho Moreira, João Guimarães Esteves, Raul Veloso, Hideo Moreira e Manuel Bandeira.

Em Famalicão: o sr. Arnaldo Torres.

Em Guimarães: a ex.^{ma} sr.^a D. Elisa Gomes Vinha e os srs. dr. José Julio Vieira Ramos e Visconde da Fervença e gentil filha D. Maria Luiza.

Em Ponte do Lima: o sr. Jose Moreira da Costa.

Em Vila Verde: os srs. Adelio Esteves Arnaldo Azevedo, Abilio Miranda, Miguel Gaio, João Esteves, Avelino Duarte, João Bernardino Ribeiro e Hilario Barreiros.

Em Espozende: o sr. dr. José Marques Barbosa dos Reis Maia.

Em Barcelos: os srs. Eugenio Ferreira, de Espozende; José Maria de Sousa Pinto, de Braga; Bernardo José de Carvalho, de Amares; dr. Francisco de Magalhães Coutinho, de Ponte do Lima; dr. Eduardo da Mota, de Espozende; Manuel Boaventura, nosso illustre colaborador, Armando Leite, Antonio Albino Marques d'Azevedo e Antonio Augusto d'Almeida Azevedo.

Partiram:

Para Amares: a ex.^{ma} sr.^a D. Maria d'Azevedo Carvalho.

Para o Porto: afim de fazerem o curso para alferes milicianos, os srs. Antonio Macedo Martins Lima e Antonio Maria de Sousa Pinto.

Encontra-se:

Nesta vila: o distincto aluno da universidade de Coimbra, nosso presado amigo, sr. Manoel Moreira Esteves.

Enfermos:

Esteve o sr. Antonio Pereira d'Araujo. —Tem obtido sensíveis melhoras a ex.^{ma} sr.^a D. Antonia Domenech.

Falecimentos:

Após doloroso sofrimento finou-se ontem nesta vila, a esposa dedicada do nosso amigo sr. Manuel Antonio da Silva, director da Banda dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos, e sogra do nosso tambem amigo, sr. João Herminio Barbosa, alferes de infantaria 29.

—Na freguesia de Goios faleceu tambem, na passada 6.ª feira, o sr. José Gomes Serra.

O extinto foi casado com a ex.^{ma} sr.^a D. Francisca de Brito Limpo, filha do coronel de engenharia sr. Bernardo Limpo.

Deixou quatro filhos: as ex.^{mas} sr.^{as} D. Maria do Carmo de Brito Limpo Serra e D. Adelaide de Brito Limpo Serra Lobarinhas, casada com o sr. Joaquim Gomes Lobarinhas, de Chorrente, e os srs. José de Brito Limpo Serra, quartanista de direito e João de Brito Limpo Serra, alferes do exercito, e era cunhado da ex.^{ma} esposa do sr. dr. José de Castro Figueiredo de Faria, contador deste juizo.

A's familias enluadas o nosso sincero pesar.

CENTRO DE NOVIDADES



Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140 — BARCELOS

Papelaria e objectos de escritorio.—Papeis e envelopes de todas as qualidades. Sortido completo em todos os artigos. Livros em branco e riscados.

Livraria:—Romances, contos, literatura, etc. Obras sobre religião, arte, jurisprudencia, etc. Revistas e jornais ilustrados. Assinatura permanente de qualquer obra. Livros escolares.

Tabacaria:—Tabacos nacionais e estrangeiros. Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc. Isqueiros e pedras para os mesmos.

Perfumarias:—Sabonetes de todas as qualidades, perfumes, loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, espelhos etc. Agua de colonia a retalho.

Postais ilustrados:—Sempre as ultimas novidades, em todos os generos. Aluns para postais. Cromos.

Tipografia e encadernação:—Todos os trabalhos tipograficos—cartões de visita e de luto, rotulos, facturas, envelopes, recibos, relatorios, anuncios, etc. Impressões a cores. Impressos

para os srs. Notarios, Escrivães de Direito, Professores, Juntas, Confrarias, Regedores, e particulares, etc. Encadernações, pastas, cartazes, etc.

Artigos diversos:—Loteria. Cordas para instrumentos. Cartas de jogar. Carimbos de borracha. Carteiras, bolsas, etc., etc.

Generos especiais de alimentação:—Chá e café. Cacaú, chocolate, farinha Nestlé, maizena e outras, rebuçados, etc. Vinho sem alcool. Aguas minerais. Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

Companhia de Seguros «BONANÇA» Fundada em 1808

CAPITAL RS. 1.568:000\$000

FUNDOS DE RESERVA RS. 305:408\$000

SEGUROS MARITIMOS, TERRESTRES E AGRICOLAS

O agente em BARCELOS:

Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gayo

Rio de Janeiro

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma, n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas—de receber e fazer PRONTA REMESSA de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaisquer titulos, pagaveis naquela capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisa-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; em Portugal: no Porto com os Srs. Pinto da Fonseca & Irmão, e nesta vila com o Sr. Miguel Martinho de Faria.

“Padaria Maria Antonia,”

BARCELOS

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortido-se de especialissimos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissimo queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhas, massas etc.

Seriedade e modicidade de preços.

NOVO ESTABELECEMENTO COMERCIAL

DE

COSTA & VASCONCELOS

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora.
Veludos inglezes e nacionais, sedas de cor e pretas lavradas para vestidos e blusas.
Chales de malha. Espartilhos. Agasalhos.
Flanelas, chitas, chales, cachetés, morins, panos crus, etc.
Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglezas, tudo para fatos de homem.
Casimiras de cor, diagonais, picotinhos e cheviotes.
Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Chapéus e Guardasoes.

Os Milhões do Criminoso

Interessantissimo romance
do popular escritor francez

Xavier de Montépin

2.ª EDIÇÃO

Famoso romance, que a casa editora Belem & C.ª Succ., tem em principio de publicação, por assignatura, impresso em papel superior, e ornado de finissimas estampas francezas.

- 1.ª parte—O incendiario.
- 2.ª parte—O grande industrial.
- 3.ª parte—A luz da verdade.

Tomos de 10 folhas de 8 paginas 100 reis.

Cadernetas de 2 folhas de 8 paginas 20 reis.

Brinde aos assignantes.

A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64, 66 — BARCELOS

Neste estabelecimento montado nas melhores condições, encontrarão sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite, e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Povoá.

Seriedade de preços!

Visitem este estabelecimento!

BAZAR DO POVO

DE

ARNALDO TORRES

Rua do Infante D. Henrique, 45 a 53 — BARCELOS

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortido de camisaria, luvaria, e gravataria. Artigos de caça, papelaria e tabacos. Cúmbios, letras, selos, e papel selado.

Correspondente de todas as Companhias de Navegação para o Brasil, Africa e America do Norte.

Modicidade de Preços.